

	<h1>O GAÚCHO</h1> <p>ÓRGÃO DE DIVULGAÇÃO DAS ATIVIDADES DO INSTITUTO DE HISTÓRIA E TRADIÇÕES DO RIO GRANDE DO SUL <i>Duzentos anos de nascimento do Marechal Luis Alves de Lima e Silva, Patrono do Exército Brasileiro</i></p>
Fundado no Sesquicentenário da <i>Batalha do Seival</i>	Ano 2003 Bicentenário do Duque de Caxias Nº 19

A EDUCAÇÃO CÍVICA E O ESPÍRITO MILITAR NA VISÃO DO CAPITÃO DA GUARDA NACIONAL JOÃO SIMÕES LOPES NETO (1865-1916)

Cel Cláudio Moreira Bento (*)



(Capitão GN João Simões Lopes Neto)

O historiador e tradicionalista Major Ângelo Pires Moreira, Delegado da Academia de História Militar Terrestre do Brasil (AHIMTB) em Pelotas–Delegacia Fernando Luiz Osório Filho e membro do Instituto de História e Tradições do RGS (IHTRGS), fundado naquela cidade, na Escola Técnica Federal em 10 de setembro de 1986, sesquicentenário do combate do Seival, é um dos biógrafos do grande escritor regionalista gaúcho João Simões Lopes Neto (1865-1916) na obra **A outra face de J. Simões Lopes Neto** (Porto Alegre: Martins Livreiro, 1983.v.1) junto com Carlos Macedo Reverbel na obra **Capitão da Guarda Nacional –vida e obra de Simões Lopes Neto**. (Porto Alegre: UCS/Martins Livreiro,1981.v.1).

O Major Ângelo produziu também original trabalho intitulado **O Civismo e o Espírito Militar de João Simões Lopes Neto**.(Pelotas, Ed. Universitária, 1999), com o comentário, nas abas, do acadêmico da AHIMTB e 2º Presidente do citado IHTRGS, Osório Santana Figueiredo.

Assim se definia o maior escritor regionalista do Rio Grande de Sul e talvez o maior, ou um dos maiores do Brasil, o que diria um concurso nacional a ser feito, se já não o foi:

“Eu tive campos, vendi-os. Freqüentei uma academia, não me formei. Mas, sem terras e sem diploma, continuo a ser um capitão da Guarda Nacional.”

Simões Lopes Neto – militar da Guarda Nacional

Simões Lopes Neto ingressou como tenente no 3º Batalhão de Infantaria da Guarda Nacional de Pelotas, em 1894, aos 29 anos, por ocasião da Guerra Civil de 1893/95 (Revolução de 93) combinada com a Revolta de 1/5 da Armada em 1893/94. Guerra Civil que teve o seu final em Pelotas, no ano seguinte, conforme abordamos em nosso livro **História da 3ª Região Militar, 1889-1953**.(Porto Alegre: 3ª RM,1995). Mas o seu batalhão não se envolveu nesta revolução.

Ali ele teve como instrutor o Tenente Cunha de Martins, do malfadado 28º BI do Exército, que foi feito prisioneiro pelos federalistas no combate do Rio Negro (Hulha Negra atual), em 28 Nov1893, ao final do qual foi degolada, inerte, a Cavalaria Civil, que estava a serviço dos governos estadual e federal, por mercenários platinos a serviço de federalistas, depois de rendição sob garantia de vida firmada em documento, bem como o seu comandante, o Cel Maneco Pedroso, de Piratini.

E o 28º BI foi obrigado a combater pelos federalistas com o nome de Ernesto Paiva. O 28º BI, mais tarde libertado, foi enviado para Canudos, com o moral baixíssimo e sem entrar em combate. Ao término da guerra de Canudos foi enviado para São João d’El Rey onde se reabilitou como o atual 11º BI de Montanha que, como 11º RI-Regimento Tiradentes, brilhou com a FEB em Montese, Itália.

João Simões Lopes Neto foi secretário do seu 3º BI GN e depois de sete anos, em 1901, foi promovido a capitão. A Guarda Nacional da época foi por ele criticada, de acordo com a sua visão, e com razão, por ela se haver degradado, a ponto de ser extinta em 1918, pelo Presidente Wenceslau Braz, dois anos depois da morte do notável escritor regionalista.

Foi então que em 1904 decidiu lutar pelo fortalecimento do Civismo e do Espírito Militar, uma tradição gaúcha marcante, então decadente. Assuntos hoje considerados pelo Estatuto dos Militares “como inerentes à profissão militar, na forma de Culto ao Civismo e das Tradições Históricas”.

Pioneiro do ensino de Educação Cívica no RGS

Em 14 de julho de 1904, Simões Lopes Neto, aos 39 anos, fez a sua primeira conferência sobre Educação Cívica, tendo como sub-título Terra Gaúcha. Não confundir com livro inacabado de sua autoria, publicado depois de sua morte.

Seu pioneirismo em prol da Educação Cívica teve lugar depois de dois anos da fundação do Tiro Brasileiro em Rio Grande, pelo farmacêutico e mais tarde Cel Honorário do Exército Antônio Carlos Lopes, fato histórico que abordamos na **Revista do Exército** v.139, 2002 p. 20/22. Pioneirismo que foi iniciado por Simões Lopes Neto 11 anos antes da atuação de Olavo Bilac, em 1915/16, em defesa da adoção do Serviço Militar Obrigatório, do qual é hoje o patrono.

Sua primeira conferência foi feita no ano da Revolta da Vacina Obrigatória na Escola Militar da Praia Vermelha. Fato histórico que provocou o retorno do profissionalismo militar até hoje em vigor, sufocado que fora pelo bacharelismo militar criado em 1874 pelo Regulamento de Ensino do Exército e potencializado com o Regulamento de Ensino do Exército de 1890, baixado pelo Ministro da Guerra Ten Cel Professor Benjamin Constant e com um marcante vezo positivista.

Reação ao bacharelismo militar liderada por oficiais veteranos, ou filhos de veteranos da Guerra do Paraguai, que baixaram o Regulamento de Ensino de 1905, ponto de inflexão do bacharelismo militar para o profissionalismo militar e fechamento, seguido de extinção, da Escola Militar da Praia Vermelha, para ressurgir no ano seguinte no Casarão da Várzea, atual caserna do Colégio Militar de Porto Alegre (CMPA) e com o nome de Escola de Guerra, para não deixar dúvidas sobre a sua finalidade: o preparo de oficiais para a defesa nacional.

Bacharelismo militar em grande parte responsável pela trágica Guerra Civil de 1893/95, Revolta de 1/5 da Armada,1893/94 e Guerra de Canudos em 1897 onde, por culpa, em grande parte, do bacharelismo dominante no Exército

e descaso com o preparo para a defesa nacional, por vezes o Exército apresentou operacionalidade inferior aos revoltosos. E em Pelotas residira, exercendo ali muita influência, mesmo depois de falecer em 1879 um ícone do profissionalismo do Exército, o General Osório.

Cidade de Pelotas onde se conheceram, em 1839, o Tenente Osório e o Ten Cel Luiz Alves de Lima e Silva, futuros Marquês do Herval e Duque de Caxias, onde iniciaram uma sólida amizade, de notáveis reflexos para a segurança interna e externa do Brasil.

Vale lembrar que Olavo Bilac teve em grande parte financiada a sua campanha com recursos da rica herdeira pelotense Alice Porciúncula, casada com Miguel Calmon e descendente de um oficial de Milícias, mais tarde coronel do Exército Pacificador da Banda Oriental em 1812, conforme informamos a Pedro Calmon e que o mestre fez constar de seu livro **Miguel Calmon, uma grande vida** (Brasília: INL, 1983), prefaciado por Afonso Arinos de Mello Franco.

Como veículo notável de divulgação do Civismo e do Espírito Militar, João Simões Lopes, em Pelotas, um ano antes de falecer, aos 50 anos, produziu, em 1915, a **Coleção Brasiliana**, em 2 coleções de 25 postais cada, editadas pelo gráfico francês Eduardo Chapon, os quais o Major Ângelo Pires Moreira reproduziu em seu livro, já citado.

A primeira série foi de excelente qualidade gráfica e um exemplar até hoje me acompanha, depois de o admirar várias vezes no escritório de meu pai Conrado Ernani Bento, tabelião em Canguçu.

Estamos publicando em **Caxias e a Unidade Nacional**, no prelo, um equivocado brasão do Duque de Caxias, editado, mas não distribuído e que me foi cedido pelo conhecido colecionador, em Pelotas, de cartões postais, Flávio Azambuja Kremer.

Simões Lopes e o Tiro de Guerra 31

Um ano antes de sua primeira conferência sobre Educação Cívica, a União Gaúcha, hoje União Gaúcha João Simões Lopes Neto, fundou em 7 de setembro de 1903, a Sociedade de Tiro Brasileiro de Pelotas. E atuou muito nesta campanha vitoriosa J. Simões Lopes Neto.

Em 12Out1908, o agora Coronel Honorário Antônio Carlos Lopes, criador do Tiro Brasileiro, presidiu a instalação de Tiro Brasileiro de Pelotas que recebeu o nome de Tiro de Guerra 31, ao invés de como era esperado, Tiro de Guerra nº 2.

Como Diretor do Arquivo Histórico do Exército, 1985/91, lá localizamos os arquivos do Tiro de Guerra 31, com o qual tomamos conhecimento em Canguçu, como garoto, da vida militar, com as instruções a um grupo local, entre eles nosso irmão Ernani Moreira Bento. Foi o meu primeiro contato com instrução militar.

Ao Tiro de Guerra 31, que seria presidido pelo grande escritor regionalista Capitão GN João Simões Lopes Neto, coube o privilégio de possuir a 1º linha de Tiro do Brasil, instalação hoje conhecida como Estande de Tiro.

Foi nesta linha de Tiro que em 1950, como soldado da 3ª Cia de Comunicações acantonada no atual 9º BI Motorizado, e hoje 3ª Companhia de Comunicações Blindada em Santa Maria, que como soldado iniciei a minha instrução de tiro com fuzil Mauser 1908. Esta linha de Tiro existiu no local onde hoje se ergue a Vila Militar, em cujo Hotel de Trânsito com freqüência me hospedo.

Ao fazer entrega, em 09 Ago 1913, ao Exército, em sessão solene na Intendência de Pelotas, da 1ª turma de reservistas do TG 31, discursou o seu presidente o Capitão GN João Simões Lopes Neto.

Simões Lopes Neto e a Educação Cívica

Em 1904, como referido, J. Simões Lopes Neto proferiu na Biblioteca Pública de Pelotas sua primeira conferência sobre Educação Cívica, a qual repetiu ampliada em 1906, neste mesmo local e nas guarnições militares de Bagé, S. Gabriel, S. Maria, Rio Grande e P. Alegre. A conferência, com 20 páginas impressas de João Simões Lopes Neto em 1906, possui os seguintes dados na capa, que reproduzimos na grafia da época:

“João Simões Lopes Neto. EDUCAÇÃO CIVICA. Conferência realizada na Biblioteca Pública de Pelotas e repetida a convite, em outras cidades. Publicada sob o patrocínio das Sociedades União Gaúcha de Pelotas, Centro Gaúcho de Bagé e Grêmio Gaúcho de Porto Alegre, para distribuição gratuita. Pelotas 1906.”

Simões Lopes Neto ofereceu e dedicou assim a sua conferência em plaqueta:

“O Autor em respeitoso testemunho de muita gratidão e sympathia oferece:

À Bibliotheca Pelotense e União Gaúcha de Pelotas.

Ao Centro Gaúcho de Bagé e snrs Pedro Cunha, e A. Caminha e Humberto Arêas.

À União Caixeral, de São Gabriel e Snrs Dr Fernando Abbot, Ildefonso Vasconcellos e Francisco Farias.

Ao Club Caixeral de Santa Maria e Snrs Dr Andrade Neves Netto e Henrique Ribeiro.

Ao Grêmio Gaúcho e Club Caixeiral de Porto Alegre e Exmo Snr Dr Borges de Medeiros, digno presidente do Estado, e snrs Francelino E. Cordeiro e Ovídio Silveira Martins.

Ao Clube Caixeiral de Rio Grande, e Snr. A. Cintra Jor, Rodolfo Emil e Vaz Dias Jor e a Imprensa das referidas Cidades”.

As expressões Jor e Snrs seriam na época abreviaturas de Junior e Senhores.

Ao iniciar sua conferência procurou mostrar o quanto conhecia o Rio Grande do Sul, nos seus 40 anos.

“Eu tenho cruzado o nosso Estado em caprichoso zig zag. Já senti as ardências das areias desoladas do litoral. Já me recrei nas encantadas ilhas da Lagoa Mirim. Já me fatiguei na extensão da Coxilha Geral de Santana. Já molhei as mãos nas águas do soberbo Uruguai. Estremeci de medo nas ásperas penedias do Caverá. Já colhi malmequeres nas planícies do Saicã, oscilei sobre as águas grandes do Ibicuí e palmilhei os quatro ângulos da derrocada fortaleza de Santa Tecla. (em Bagé). Já pousei em São Gabriel, a forja rebrilhante onde tantas espadas valorosas se temperaram.

Fui arrastado no turbilhão das máquinas possantes (locomotivas). Corri pelas paragens magníficas de Tupanciretã, o nome doce, que no lábio ingênuo dos caboclos quer dizer campos onde repousou a mãe de Deus.

Saudei a graciosa Santa Maria, fagueira e tranqüila na encosta da serra. E emergindo do verde negro da montanha copada, o casario branco, como um fantástico algodoal em explosão de casulos.

Subi aos extremos de Passo Fundo e deambulei para os cumes da Lagoa Vermelha e retrovim pela merencória Soledade, flor do deserto, alma risonha nos ecos do mundo e cortei por um formigueiro humano na zona colonial

Desta digressão (viagem) longa e demorada feita em etapas, em datas diferentes, meus olhos trazem ainda, a impressão vivaz e maravilhosa da grandeza, da uberdade e da hospitalidade do Estado.

Eu vi a colméia e o curral. Vi o pomar e o rebanho. Vi a seara e as manufaturas. Vi a serra, os rios, a campina e as cidades. E das auroras de pássaros e rosto de crianças, dos sulcos dos arados, das águas e de tudo, esses pobres olhos meus condenados a morte e ao desaparecimento, guardarão na retina, até o último milésimo de luz, a lembrança da visão sublimada e consoladora.

E o meu coração, quanto faltar a seu ritmo, arfará num último esto, para a raça que esta se formando, aquilate (julgue), ame e glorifique os lugares e os homens de nossos tempos heróicos, pela integração da Pátria comum, agora abençoada na paz”.

Ao lamentar não existir ainda nenhum monumento no Rio Grande do Sul estranhou o fato e escreveu assim:

“Rio Grande do Sul, onde a cada passo em teu chão se acorda um eco, onde cada barranca de teus rios conhecem uma história, onde cada coxilha testemunhou um feito histórico e onde os muros de cada cidade abrigam um acontecimento” e prossegue:

“...E por todo este Rio Grande nenhum marco de lembrança, nem um padrão votivo, nenhum granito cívico ensina aos contemporâneos que passam descuidados—aquí triunfou Rafael Pinto Bandeira, aqui jaz o Marechal José de Abreu, o anjo da Vitória, aqui se planejou uma Constituição (Alegrete), aqui nasceu Tamandaré.

Sim, que na velha cidade do Rio Grande, o núcleo de nossa formação urbana onde troaram os canhões do Brigadeiro Silva Pais que ali houvesse um simples bloco de pedra a recordar seus feitos. E em Jaguarão, a primeira a declarar a forma republicana em 35 e Piratini, a arca do governo farroupilha. Bagé, a barreira contra a conquista espanhola. São Borja, a sentinela destroçada e indomada da invasão paraguaia. São Luiz Gonzaga dos famosos templos do Império jesuítico. Rio Pardo, a muralha contra os choques do estrangeiro. A vetusta Viamão teto dos primeiros casais portugueses. E Seival, a ilha do Fanfa, Ponche Verde e rio Camaquã...”

Aliás, frase histórica em negrito, com a qual iniciamos os encontros do Instituto de História e Tradições do RGS, que fundamos em Pelotas em 10 Set 1986, em concorrida sessão na Escola Técnica Federal de Pelotas, por nós presidida e

coordenada pelo Major Ângelo Pires Moreira e apoio da 8ª Brigada de Infantaria Motorizada, comandada pelo Gen Bda Sadi Lisboa Filho e pelo **Diário Popular**, através do Dr Clayr Lobo Rochefort.

Recordo que como aluno do Colégio Gonzaga, 1945/48, a Biblioteca Pública de Pelotas, no 2º andar, era usada para conferências concorridas. Lembro que era um salão enorme em que os assistentes se sentavam em cadeiras encostadas na parede e entre eles e a mesa diretora um enorme vazio.

Mais tarde voltei ao local, então Câmara de Vereadores, onde em 20 de setembro de 1985, sesquicentenário da Revolução Farroupilha, proferimos palestra sobre este tema, atendendo a convite do Gen Bda Egeo Corrêa de Oliveira Freitas, comandante da 8ª Brigada de Infantaria Motorizada, cuja história publicaríamos em 2001, com o patrocínio do GBOEx, tendo como parceiro o Cel Luiz Ernani Caminha Giorgis e sob o título **8ª Brigada de Infantaria Motorizada, Brigada Manoel Marques de Souza 1º**.

No ano seguinte, em 18Set1986, ali retornamos para recebermos homenagem do povo pelotense, por intermédio de sua Câmara de Vereadores, consistente na outorga, por Lei 2740, da honrosa Comenda J. Simões Lopes Neto.

Fora nesta Biblioteca Pública que em Jan1951, surpreso, conhecemos notícia de nossa aprovação para ingresso na Escola de Cadetes de Porto Alegre, ao ser informado por alguém que ali vira meu nome convocado para a EPPA.

Como mandamentos cívicos básicos J. Simões Lopes assinalou em sua primeira conferência:

“O amor à Pátria sobre todas as coisas e se possuir espírito nacionalista inquebrantável, capaz de resistir a todas as tempestades”.

E que destes mandamentos decorriam todas as leis e a ação educacional. Enfatizava:

“Que o amor à Pátria se desenvolvia e se fortalecia com o conhecimento de seu passado e presente e com fé em seu futuro”. E completava:

“Nenhum povo pode ser grande sem o sentimento de amor a sua pátria. Nenhuma nação pode ser forte sem se apoiar no amor a ela de seus filhos. Por isso amar a Pátria é o mais sólido elo da nacionalidade e o maior estímulo dos cidadãos.”

Assim J. Simões Lopes foi o pioneiro de ensino de Educação Cívica no Rio Grande do Sul e possivelmente no Brasil, antes que por ali passasse, 10 anos depois, Olavo Bilac, que visitou o seu túmulo e sobre ele colocou uma flor, numa reverência muda ao seu pioneirismo em defesa do ensino de Educação Cívica.

Simões Lopes revelava grande preocupação pelas causas que ameaçavam a Unidade Nacional assegurada no passado pela Religião Católica, pela língua portuguesa e pelo trono.

E a Guerra Civil de 1893-95, que teve seu fim físico, mas não o espiritual com a paz celebrada em Pelotas, e que dividira a família da Região Sul do Brasil, o preocupava muito.

Revolução que passou a História como revolução Maldita, de Bárbaros e da Degola e foi procurado esquece-la por 100 anos até cicatrizar suas feridas, mas neste íterim evocada nos lenços brancos dos governistas e no vermelho dos federalistas, ao invés dos lenços farroupilhas mandados fazer fora do Brasil por Bernardo Pires, o simbolista farrapo e bisavô do Major Ângelo, conforme abordamos e o biografamos no livro **Autoria dos símbolos farrapos, subsídios para a sua revisão histórica, tradicionalista e legal** (Recife: Universidade Federal Rural de Pernambuco, 1971).

Lenços vermelhos usados equivocadamente pelos personagens da mini-série **A casa das sete mulheres** e por muitos tradicionalistas sem saber o real significado político trágico dos mesmos. Em realidade lenços brancos e vermelhos manchados de sangue numa maldita e impiedosa luta fratricida, de republicanos em Rio Negro, então em Bagé e depois de federalistas em Boi Preto, em Palmeira das Missões. Que glória isto encerra, senão remorso e vergonha pela degola de irmãos inermes!

De minha parte, o meu lenço de pescoço é a primeira bandeira farrapa idealizada por Bernardo Pires, com as pontas uma verde e outra amarela e em volta do pescoço o vermelho da República Rio Grandense. Mas cada um que fique com o que gosta, sem remorso e vergonha.

Revolução que degolou as tradições farrapas de Firmeza e Doçura representada por dois amores perfeitos nos ângulos do losango do brasão farrapo, segundo simbologia maçônica.

J. Simões Lopes Neto divulgava estes conceitos, entre outros:

“O homem morre, as gerações se sucedem, mas a Pátria fica, sobrevive e segue adiante, e mais e sempre, ancorada na saudade dos que a construíram e já tombaram e nas esperanças dos que nascem.

Nenhum povo pode ser grande sem esse sentimento. Nenhuma nação pode ser forte sem nele apoiar-se. E o amor a Pátria é o mais sólido elo da nacionalidade e o mais forte estímulo aos cidadãos”.

E sobre o ensino de História do Brasil:

Esse estudo não é somente descurado, mas ele não existe e nunca existiu. E a sua consequência é a preferida ignorância em que vivemos da nossa história e estudando histórias alheias...” E mais adiante:

“Todo o ensino tem um fim, o da História do Brasil e dar-nos o conhecimento da noção exata da solidariedade nacional, da disciplina cívica, da liberdade obediente e com ela o amor ao Brasil”.

Diríamos que do estudo da História do Brasil faz nascer e se consolidar no cidadão a consciência da identidade e da perspectiva histórica nacionais. Do contrário ele se torna uma nau sem bússola, à deriva na tempestade, que não sabe de onde veio, onde está e nem para onde é que está indo.

E mais adiante, a respeito de necessidade da Educação Cívica dos brasileiros defendia:

“É preciso promover em favor da Educação Cívica uma das mais necessárias reformas, qual seja a introdução do livro de leitura primária.

Cumpra que ele seja brasileiro pelo assunto, pelos pontos que reproduz pela história, pela tradição e pelo sentimento nacional que anime o aluno e o faça amar a sua pátria”.

Acredito que o livro chamado **Seleta**, que existiu no meu Colégio N. S. Aparecida em Canguçu antes de eu lá ingressar em 1938, tenha atendido esta reforma preconizada por J. Simões Lopes Neto.

E a J. Simões Lopes Neto devo o conhecimento da História de Canguçu, meu berço natal, através de sua **Revista do Centenário de Pelotas nº 4**, 1912, que produziu a convite de nosso avô, Cel GN Genes Gentil Bento, então intendente de Canguçu, no contexto dos festejos do centenário de Canguçu como freguesia e guardada zelosamente por 45 anos por nosso pai, o que nos permitiu uma base de partida para ampliar esta história comunitária na nossa obra **Canguçu, reencontro com a História** (Porto Alegre: IEL, 1983), prefaciada por Barbosa Lessa, outro ícone como Simões Lopes, do tradicionalismo e da literatura gauchesca e bisneto de Carlos Norberto Moreira, nosso avô e do Major Ângelo Pires Moreira e foi quem orientou J. Simões Lopes Neto nesta pesquisa, conforme mencionou na citada revista.

Creio que J. Simões Lopes Neto foi o filósofo da Educação Cívica que provocou o culto do nativismo gaúcho e junto com ele o Ten Cel Cezimbra Jaques no início do século no Grêmio Gaúcho, no Casarão da Várzea, no atual Colégio Militar de Porto Alegre, na União Gaúcha em Pelotas e no Centro Gaúcho de Bagé.

Creio ainda que Barbosa Lessa provocou o renascimento deste sentimento nativista gaúcho, que passou a ser tratado de tradicionalismo gaúcho, e do qual foi seu filósofo e diríamos seu codificador, com sua tese, apresentada e aprovada no 1º Congresso Tradicionalista Gaúcho em 1954, intitulada **O sentido e o valor do tradicionalismo**, conforme análise do historiador, tradicionalista e animador cultural canguçuense Caio Moreira Pinheiro em **O Gaúcho** nº 9, em 2002, de homenagem a Barbosa Lessa, em que prestamos nosso depoimento sobre ele em homenagem que lhe foi prestada pelo Instituto de História e Tradições do RGS (IHTRGS).

O sonho de J. Simões Lopes Neto, um livro chamado Terra Gaúcha

Em sua citada 1ª conferência sobre Educação Cívica na Biblioteca Pública de Pelotas em 14 Jul 1904, em que ele apresentou um projetado livro Terra Gaúcha, falou entre outras coisas:

“Sonho fazer um livro simples, saudável, cantante de alegria e carinhoso.... Um livro em que das águas e das selvas, surgissem e desfilassem ante a evocação das crianças brasileiras, os troços (bandeiras) atrevidos dos bandeirantes lendários, dos negros altivos de Palmares, dos famosos índios potiguares e guaranis adustos, da figura de índias amorosas em Lindóia, Paraguaçu, Moema, iguais em poema a Francisca Remini dos Cabelos de ouro!

Livro que abordasse nossas lutas (peleias) nunca perdidas, rasgos de generosidade iguais pelo menos, aos maiores de qualquer povo da terra: a Inconfidência Mineira; o rei Amador Bueno, desambicioso de São Paulo; a retirada da Laguna – rival da do historiador grego e, tantos outros esplendores pátrios: a abolição, a ciência e a arte brasileira e, por fim, a República, a resplandecente liberdade!

Sonho fazer um livro assim que concretizasse a Tradição, a História, ensinamentos cívicos e as aspirações pátrias. A ele eu dedicaria o mais brilhante hausto de minha pobre vida, à terra rio - grandense, mãe de raça forte, túmulo de ossadas venerandas, berço de incomedido patriotismo.”

Este livro não chegou a ser publicado. É lamentável!

Simões Lopes Neto e o jornalismo de seu tempo

Sobre o jornalismo brasileiro no início do século referiu:

“O nosso jornalismo, afora política e pequenas notícias pouco se ocupa do Brasil. Quantas vezes vamos encontrar nos jornais estrangeiros notícias de nossa pátria. Não possuímos uma única revista, variada, popular, barata que leve a todos os cantos do país os trabalhos de seus escritores, pensadores e artistas, as obras de construção no Brasil, feita por brasileiros, nem sobre os sucessos de seus filhos mais notáveis. No entanto nos maiores centros do Brasil medram (1904) jornais eróticos que a polícia tem de coibir”.

Creio que esta situação hoje, depois de um período positivo, a mídia brasileira não dá espaço para seus historiadores, pois os assuntos devem ser curtos e os jornais do interior hoje publicam matérias assinadas por jornalistas nacionais, preferindo a prata da casa.

Um dos últimos a dar espaço para artigos históricos fundamentais para o despertar e alimentar a consciência nos brasileiros de sua identidade e perspectiva históricas foi o **Diário Popular**, onde no nosso caso produzimos bastante e na Coluna Querência da União Gaúcha J. Simões Lopes Neto, com o apoio do Dr Clair Lobo Rochefort e intermediação do Major Ângelo Pires Moreira.

Manteve assim o **Diário Popular** até onde que pode uma tradição de dar espaço para artigos históricos conforme se constata da obra de Luis Fernando Luiz Osório e de outros intelectuais pelotenses. Mas tudo tem o seu fim!

Outro jornal que resistiu foi o **Jornal do Comércio** do Rio de Janeiro.

Enfim, para a atual mídia brasileira não tem sentido o que afirmou o grego Cícero de que **“A história é a mestra da vida e a mestra das vidas.”** Parece considerar a História com um casaco velho sem serventia e para ser colocado no lixo.

E o que se vê são absurdos como na TV a novela **Quinto dos Infernos** e agora na mini-série **A casa das sete mulheres**, excelente como produção televisiva, mas que procedeu a satanização de heróicos personagens da História gaúcha, como os generais Bento Manoel Ribeiro e Davi Canabarro, que tiveram suas imagens linchadas injustamente.

Sobre o ordenamento jurídico do Brasil em 1904 Simões Lopes mencionou:

“A nossa legislação é uma montanha de leis, de disposições, regulamentos, decretos, circulares, avisos que se chocam, se enovelam, se disputam, sendo opulentíssima e é difícil destrinchá-la. Nos vemos seguidamente nossos tribunais, alfândegas, comandos e repartições em conflitos, em atritos de atribuições e despejarem perguntas e consultas sobre assuntos que deveriam ser diferentes. Uma nevrose de desorientação lavra por todo o canto.”

Sobre os parlamentares brasileiros:

“Os nossos parlamentares saem quase totalmente das profissões liberais... Sem ir mais longe, no atual Congresso Nacional com 212 deputados em exercício, há 90 advogados, 50 médicos, 40 engenheiros, 30 militares

e 2 padres. E nenhum agricultor e criador (fazendeiro) de profissão, nenhum comerciante, industrial e armador! Isso é um mal ou um bem?”

Felizmente a Internet esta dando oportunidade aos poucos e teimosos historiadores brasileiros que restaram de publicarem seus trabalhos. Vamos tentar através da Internet melhores dias para fortalecer a consciência da identidade e da perspectiva históricas dos brasileiros que neste particular, “estão mais perdidos e confusos do que um cego no meio de um tiroteio.”

Creio que J. Simões Lopes Neto se vivo fosse diria que a Mídia nacional cometeu um grave erro neste particular, e que faltou ao seu dever. E como Mídia registro as editoras nacionais que não estimulam a produção de obras históricas com apoio em fontes históricas autênticas, integras e fidedignas e sim como tal, opiniões pessoais, depoimentos sem os requisitos das fontes confiáveis que dão um caráter de ciência à História.

E algumas delas se limitam a reeditar obras históricas sem estimular novos trabalhos, para não se darem ao trabalho que exige uma nova obra. E justiça seja feita. Existem historiadores que não procuram atingir o povo e se mantêm num isolamento completo valendo repetir uma classificação irônica de um comunicador bem sucedido. “Não existem ciências ocultas e sim cientistas que ocultam as ciências, no caso a história.”

A indiferença pelos feriados nacionais no Brasil

Sobre a indiferença pela comemoração de feriados nacionais no Brasil escreveu:

“Enquanto outros povos festejam solene e ruidosamente as suas grandes datas nacionais as do Brasil caem no olvido e no abandono. Ainda não instituímos as grandes festas públicas, como as manobras militares e as civis de ginástica, de tiro, de remo a coincidirem com nossas festas nacionais...O nosso 21 de abril, o 7 de setembro, o 15 de novembro se diluem na memória do povo brasileiro. E não é por ingratidão que isso acontece, mas por falta de Educação Cívica. Recordar é viver. E povo que fecha o coração e a memória, a comemoração das suas grandes datas históricas e digna de lástima. E quem já assistiu a um 4 de julho nos EUA, a um 20 de setembro na Itália, pasmará contristado de nossa indiferença”.

Para Simões Lopes Neto o único remédio para os males que ameaçavam o sentimento nacionalista brasileiro era a Educação Cívica.

E com esperança no desenvolvimento da Educação Cívica no Brasil escreveu:

“Há pouco começamos trazer nossos homens para o bronze da consagração... Agora um escritor José de Alencar já tem uma estátua em praça pública, Carlos Gomes emerge da grande saudade paulista. Bustos se erguem, modestas placas comemorativas estão sendo implantadas. Caxias e Osório hoje são exemplos permanentes para o povo.

Floriano tem no seu túmulo um símbolo de peregrinação. Júlio de Castilhos terá seu monumento estímulo de méritos. Os monumentos de Tamandaré, Saldanha da Gama, Mauá, Silveira Martins, Benjamin Constant e outros se estão cimentando.

E não há como negar, já foi a aurora nova...só ela (a República) que trouxe este rejuvenescimento dos credos dos cidadãos.”

Simões Lopes e os símbolos nacionais

J. Simões Lopes Neto lamentava as faltas cometidas por ignorância ou falta de Educação Cívica contra os símbolos nacionais e escreveu:

“O Hino! O Hino Nacional! Vibração marcial e soberana, o clangor da vitória, a marcha para o progresso. Ele é como o aplauso de todo o peito, ou o tremendo rugido de um povo ferido, a espiritual, a solene e confortante presença de toda a pátria, liame do mar, da serra e da campina no momento e no local onde é executado... é o aroma da flor, o brilho da estrela, o canto da ave, o soluçar da fonte, o balar do gado pacífico da lavoura e o bramir da fera, que é uma fremente onda sonora, mas que é a Pátria...”

E sobre a bandeira referiu:

“Ela, em qualquer parte do mundo representa todos nós. Ela que é nossa glória e nossa honra...”

Se o hino e a voz, a bandeira é a face augusta da Pátria... Ela não se abate diante de ninguém... É a bandeira que segreda a um brasileiro: resiste! A outro – protege-me! E a outro- vence! É ela que soluça a benção maternal ao ouvido dos que morrem. É ela que diz ao ferido – tem fé! É ela que diz ao vencedor - cumpriste o dever! Varada pelas balas, negra de fumaça, úmida de lágrimas, salpicada de sangue, ela é sempre imaculada e pura, lúcida e bendita. É preciso que sintamos que quando ela se desdobra no alto de um mastro, parece que é dentro do nosso coração que ela flutua!”

O espírito militar na obra de J. Simões Lopes Neto

Quando jovem ginasiano do Ginásio Gonzaga 1945/48 em Pelotas, em companhia do hoje Dr. Lori da Rosa Krusser e já revelando notável sensibilidade e vocação para produzir literatura tradicionalista gaúcha, eu ouvia e lia as obras de Simões Lopes Neto **Contos gauchescos, Lendas do Sul e Cancioneiro Guasca**, enquanto tomávamos chimarrão no Hotel do Comércio, na rua 7 de Setembro, por falta de dinheiro para uma diversão mais cara.

E não percebia ainda na qualidade de não militar, a forte ligação da obra de J. Simões Lopes Neto com o espírito militar, análise que seu biógrafo Major Ângelo Pires Moreira agora fez na sua obra.

E o interlocutor imaginário de seus contos, o Blau Nunes, creio tenha se inspirado no Tenente farrapo Manoel Alves da Silva Caldeira (1815-1900) que considero o maior cronista farrapo e que focalizamos no nosso **Canguçu, reencontro com a História**. (Porto Alegre:IEL,1983), na Edição Histórica sobre a Revolução Farroupilha do **Diário Popular** de Pelotas, de 20 Set1985 e no nosso livro **O Exército Farrapo e os seus chefes**, editado pela BIBLIEx em 1992.

E só conferir o perfil de Blau Nunes com o de Caldeira.

J. Simões Lopes Neto e Caldeira são patronos de cadeiras da Academia de Canguçuense de História(ACANDHIS). Simões Lopes por haver sido o primeiro historiador de Canguçu, em seu centenário como freguesia e na **Revista do Centenário de Pelotas nº 4**, em 1912 e Caldeira por haver em Canguçu escrito cartas que permitiram a diversos historiadores da Revolução Farroupilha resgatarem o perfil militar dos líderes farrapos, com quem Caldeira privou.

Ângelo Pires Moreira identificou o palavreado castrense ou militar de Simões Lopes Neto nos contos Trezentas Onças, O Negro Bonifacio, Manantial, Correr Eguada, Os Cabelos da China, Melancia – Côco Verde, Contrabandista, Jogo de Osso, Batendo Orelha.

E como essencialmente militares: Chasque do Imperador, Duelo de Farrapos e Anjo de Vitória. Este o reproduzi na **História da 3ª RM, 1808-1889 e Antecedentes** e na obra (no prelo) **2002 – os 175 anos de Passo do Rosário**, tendo ao final um Glossário de seus termos gauchescos, para que o texto seja entendido por não gaúchos.

Como presidente da União Gaúcha, que hoje leva o seu nome, Simões Lopes Neto organizou na estância de Antônio Rodrigues Ribas, no Fragata, em Pelotas, um intenso programa tradicionalista, misto de práticas campeiras e militares, em homenagem a guarnição da canhoneira Pátria, doada a Portugal pela colônia portuguesa no Brasil e programa assim sintetizado:

“Exercício de guerrilha, reconhecimento de um reduto (fortim) artilhado. Ataque por um esquadrão de Cavalaria. Defesa de uma posição pela Infantaria. Tomada de uma peça de Artilharia, a laço, e defesa da mesma depois de capturada por um esquadrão.”

Isto fala com eloquência do espírito militar que ele possuía, o que é reforçado pelo seu grande orgulho de ser um capitão de Guarda Nacional, circunstância muito bem explorada por outro grande biógrafo seu e com quem tive muito prazer de conviver e me corresponder, Carlos Reverbel e dele receber com amável dedicatória seu livro já citado, **Um capitão da Guarda Nacional - vida e obra de J. Simões Lopes Neto**. E em carta recebi a sua solidariedade a minha tese de localização da Real Feitoria do Linho Cânhamo do Rincão do Canguçu, 1783/93, em Canguçu Velho, o que abordo a seguir.

Em Canguçu a 1ª missão jesuíta do RGS?

Um conferencista na Biblioteca Pública de Pelotas apresentou a equivocada tese de que em Canguçu Velho havia sido instalada pelo padre Roque Gonzales, o mártir de Caaró, a primeira missão jesuítica no Rio Grande do Sul. Isto por ter lido em algum lugar que esta missão fora fundada entre os rios Piratini e Icamaguã. Mas não percebeu que isto se referia

aos citados rios afluentes do rio Uruguai e não aos rios Camaquã e Piratini, que desaguam respectivamente na Lagoa dos Patos e no Canal São Gonçalo.

E J. Simões Lopes escritor e jornalista, mas não historiador preciso, defendeu esta tese equivocada na citada **Revista, do Centenário de Pelotas** nº 4 em 1912, quando em realidade, em Canguçu Velho funcionou a sede da Real Feitoria do Linhocânhamo do Rincão do Canguçu (1783-1789), antes de ir para São Leopoldo.

E as terras que haviam lhe pertencido foram adquiridas pelo Capitão Mor de Laguna Paulo Xavier Prates, que mais tarde adquiriu a ilha Canguçu, que passou a ser conhecida como ilha da Feitoria. Ou seja, ilha da estância Feitoria e não local onde tenha funcionado a Real Feitoria.

Defendemos nossa tese documentalente, com apoio em fontes primárias, depois de diversos e demorados ensaios nesta plaqueta:

Real Feitoria do linho-cânhamo do Rincão do Canguçu, 1783/89. Canguçu: Prefeitura/1992.

Tese que foi aprovada pelo Conselho de Cultura Estadual que opinou por nunca a Real Feitoria haver funcionado na ilha Canguçu, ou ilha da estância Feitoria. E a nossa carta àquele Conselho, a este respeito, foi publicada por Carlos de Souza Moraes em **Feitoria de Linho Cânhamo de São Leopoldo** (Porto Alegre: Parlenda, 1994 p. 58-59 e 109-112). Antes de ser despertado para o fato de que havia existido em Canguçu Velho a Real Feitoria referências a ela se limitavam a poucas e desencontradas linhas, a localizando na ilha Canguçu, mais tarde Feitoria ou prudentemente deixando a questão de localização no ar.

Nesta abordagem em que recebemos a solidariedade de seu biógrafo Carlos Reverbel, não vai nenhum desrespeito à obra de Simões Lopes Neto, o 1º historiador de Canguçu e patrono de cadeira em sua Academia de História por nossa proposta e ocupada por outro seu biógrafo, o Major Ângelo Pires Moreira, com cuja ajuda comecei a escrever sobre História em 1971, na coluna Tradição da União Gaúcha Simões Lopes do **Diário Popular**.

E mais, por ser um orgulhoso detentor da Comenda J. Simões Lopes Neto, a nós conferida pelo povo pelotense através de seus representantes na Câmara de Vereadores de Pelotas em 18 Set 1986. Mas história deve ser verdade e justiça. E foi o que fizemos. E não sem uma oposição amadora injusta, por sem apoio em fontes primárias e até irônica, mal educada e desleal algumas vezes.

Conclusão

Fica pois evidenciado, com apoio no trabalho do Major Ângelo Pires Moreira que além do grande escritor regionalista e pioneiro tradicionalista que foi J. Simões Lopes, a sua face mais conhecida e só exaltada depois de morto, é que ele possuiu e cultivou acendrado espírito militar, revelado pelo orgulho de ser Capitão da Guarda Nacional e pela sua participação como presidente de Tiro de Guerra 31 que construiu a 1ª linha de Tiro do Brasil em Pelotas e pela programação da União Gaúcha onde cultuava tradições campeiras e militares gaúchas.

E mais do que isto, foi um pioneiro entusiasta defensor do ensino de Educação Cívica no Brasil, atividade que iniciou em 1904 com conferência na Biblioteca Publica e ali repetida em 1906, cujo texto foi impresso sob o título **Educação Cívica**, sob o patrocínio das mais antigas agremiações tradicionalistas gaúchas. Sociedade União Gaúcha de Pelotas, Centro Gaúcho de Bagé e Grêmio Gaúcho de Porto Alegre. Este, fundado na Escola Militar de Porto Alegre pelo Ten Cel Cezimbra Jaques, atual patrono do Movimento Tradicionalista Gaúcho (MTG), por iniciativa do patrono em vida de cadeira na AHIMTB e 1º vice-presidente do IHTRGS, Cel Hélio Moro Mariante e há pouco evocado pelo Cel Leonardo Araújo em plaqueta, **Homenagem a João Cezimbra Jaques, patrono do MTG e ex-professor do Velho Casarão da Várzea(CMPA)**. Porto Alegre: IHTRGS/AHIMTB, 2001.

Tradicionalismo gaúcho então iniciado com um forte sentido militar, para tentar melhorar a delicada conjuntura da Defesa Nacional, decorrente do bacharelismo militar, 1874/1905, que relegou a um plano crítico os problemas de Segurança Nacional e abandonou a idéia do Serviço Militar Obrigatório depois de o Duque de Caxias deixar o Ministério da Guerra, onde começara a implementá-lo. Idéia que só voltaria a ser adotada 40 anos mais tarde, em 1916, com a implantação do 1º Sorteio Militar, em pleno curso da 1ª Guerra Mundial na Europa, assunto que evocamos em detalhes no artigo: Os 70 anos do 1º Sorteio Militar. **A Defesa Nacional**, nº 729, Jul/Ago1987. p.120/139.

Preservar e analisar esta conferência histórica foi um grande serviço à cultura militar, prestada pelo Major Ângelo Pires Moreira, que ocupará a cadeira especial na Academia de História Militar Terrestre, Cap GN João Simões Lopes Neto, além de já figurar como seu Delegado, em Pelotas, da Delegacia Fernando Luiz Osório, (Filho), neto do General Osório, o historiador de Pelotas que em 1915, 1 ano antes da morte de J. Simões Lopes e 2 anos depois dela, em 1918, reforçou o espírito militar nacional com suas excelentes obras: **História do Gen Osório**, 2º volume, 1915, **Tiro de Guerra 31**, em 1916, e em 1918 **O espírito das armas brasileiras**. Obra esta que em criança, creio, despertou minha vocação de historiador militar, ao compulsá-la no escritório de meu pai, ao admirar suas fotos. E depois publicaria várias obras de interesse militar terrestre sobre a Revolução Farroupilha em seu centenário em 1935 e o excelente **Sangue e alma do Rio Grande**, (Porto Alegre-Pelotas: Liv. Globo, 1937), nesta, tratando do Rio Grande esquecido, Repelindo infâmias, Reparação a um Osório do primeiro Rio Grande e de seus leais comandados na Trinchira de Castilhos). Trabalho em defesa da memória do Cel de Dragões Thomaz Luiz Osório, defensor em 1763 da Fortaleza de Santa Teresa no Uruguai atual, quando ela foi conquistada pelo General espanhol D. Pedro Ceballos. Defesa que continuou a fazer ao abordar trabalhos focalizando a atuação do Cel Thomaz Osório na Guerra Guaranítica, como comandante do Regimento de Dragões do Rio Grande.

Tese que defendemos em 1976 no IHGB, da qual enviamos exemplar ao Parque Histórico Marechal Manoel Luiz Osório, cuja inauguração havíamos registrado no livro **A Grande festa dos lanceiros** (Recife:UFPE, 1971) e lançado em 19 de abril de 1971, na inauguração do Parque Histórico Nacional do Guararapes, de cujo projeto, construção e inauguração fomos o coordenador pelo então comando do IV Exército.

Assim Pelotas, através de J. Simões Lopes Neto e de Fernando Luiz Osório, prestaram notável concurso ao culto de nossa História Militar e à Educação Cívica do Rio Grande do Sul e sem esquecer na atualidade, o historiador Major Ângelo Pires Moreira com suas obras e a historiadora Heloísa Assunção do Nascimento, esposa de militar e correspondente da Academia de História Militar Terrestre do Brasil, em seus 3 volumes sobre Pelotas: **Nossa cidade era assim** (1989-1999).

(*) Presidente da Academia de História Militar Terrestre do Brasil, do Instituto de História e Tradições do RGS e da Academia Cangüense de História.

O DECANO INSTITUTO DE HISTÓRIA E TRADIÇÕES DO RGS (IHTRGS)

Luiz Ernani Caminha Giorgis (Vice-Presidente do IHTRGS)

Em 10 Set 1986, sesquicentenário do combate do Seival, que criou condições para a Proclamação da República Riograndense (1836-45) no Campo do Menezes, foi fundado, em cerimônia concorridíssima na Escola Técnica de Pelotas, o **Instituto de História e Tradições do RGS (IHTRGS)**. Instituição destinada precipuamente a memorar fastos sesquicentenários da Revolução Farroupilha (1835-45). A referida fundação está toda documentada em volume especial.

Como sócios efetivos fundadores figuraram Alberto R. Rodrigues, Angelo Pires Moreira (coordenador), Arnaldo Luiz Cassol, Clayr L. Rochefort, Cláudio Moreira Bento (presidente), Corálio Cabeda, Fernando O'Donell, Gastão Abbot (falecido), Hélio M. Mariante (vice-presidente), Ivo Caggiani, Jonas Correia Neto, José Luiz Silveira (2º vice), Júlio Petersen, Manoel A. Rodrigues, Mário Gardelin, Mário Matos, Marlene Barbosa Coelho, Morivalde Calvet Fagundes, Mozart Pereira Soares, Osório Santana Figueiredo (secretário), Péricles Azambuja, Sejanos Dorneles (falecido) e Telmo Muller.

Dentre as múltiplas realizações do IHTRGS registradas em seus Anais mencione-se encontros anuais, com vistas a integrar historiadores, tradicionalistas e folcloristas, isolados no movimento cultural, estreitar laços de amizade e culturais entre eles próprios e deslocarem-se até os locais de fastos históricos para comemorá-los.

Assim, em Pelotas ocorreu o encontro de fundação na **Escola Técnica Federal**, coordenado por Ângelo Pires Moreira e com apoio do **Diário Popular**, através de Clayr L. Rochefort, que dedicou edição especial ao combate do Seival, por nós elaborada.

Em 8 Abr 1987 ocorreu o Encontro de Caçapava do Sul, no **Clube União Caçapavano**, sob a coordenação de Arnaldo Luiz Cassol, onde foi empossado efetivo Humberto Fossa, de Encruzilhada do Sul.

Em 13 Set 1987 ocorreu mais um encontro em Pelotas, na sede da **União Gaúcha Simões Lopes Neto**, mais uma vez sob a coordenação de Ângelo Pires Moreira. Encontro que se estendeu a Porto Alegre, no CPOR/PA, com

conferência do presidente sobre os **Sítios farrapos de Porto Alegre**, sob a coordenação do sócio Jonas Correa Neto, na época comandante da 6ª DE.

Em 30 Abr 1988 ocorreu o encontro de Rio Pardo, comemorativo do sesquicentenário da maior vitória farrapa - o combate do Rio Pardo - quando foi lançada pelo presidente plaqueta alusiva. Encontro ocorrido no **Clube Literário Recreativo de Rio Pardo**.

Em 10 Set 1988 ocorreu o encontro de Canguçu, na **Casa de Cultura**, tendo como tema o combate de Serro Alegre de 20 Set 1932, quando foi lançada plaqueta alusiva de José Luiz Silveira e Osório Santana Figueiredo, preparatória à fundação 3 dias após, da **Academia Canguçuense de História**. Encontro coordenado por Marlene Barbosa Coelho, onde foi efetivado o tradicionalista Armando Ecíquo Perez, que representara o Instituto no sesquicentenário de instalação da República Rio Grandense em Piratini em 6 Nov 1986 e que mereceu do **Diário Popular** menção condigna do fato histórico.

Em 10 Jul 1989 ocorreu o encontro de São Borja, no **Teatro do Regimento João Manoel**, tendo como tema central a comemoração à resistência a invasão paraguaia em 1865. Coordenaram o evento os sócios efetivos então empossados Sérgio Roberto Dentino Morgado e Aparício Silva Rillo (falecido). Houve visita às ruínas de São Miguel.

Em 15Set1990 e 28Set1991 ocorreram os encontros de São Gabriel, na **Associação Alcides Maya**, sob a coordenação do sócio Osório Santana Figueiredo, um dos esteios do IHTRGS e com apoio cultural e logístico do dr. Milton Teixeira, quando foi efetivado o poeta gaúcho Caio Prates da Silveira e muito evocada a obra de Alcides Maya.

Em 14 Set 1992 ocorreu o encontro de Lavras do Sul, no **Plenarinho da Casa de Cultura** José Néri da Silveira, sob a coordenação do sócio Edilberto Teixeira.

Em 25 Set 1993 ocorreu o encontro de Santana do Livramento, de caráter internacional, marcadamente histórico e tradicionalista, na **Associação Comercial e Industrial**, sob a coordenação do historiador santanense Ivo Caggiani, ocasião em que foi lançada a obra **O Exército Farrapo e seus chefes**, da lavra do presidente e diplomados efetivos os historiadores Raul Pont, Miguel Jaques Trindade e Blau Souza.

Em 7 Abr 1995 ocorreu o encontro do Rio de Janeiro, na sede do **Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro**, sob a coordenação do sócio então empossado Manoel Pessoa Mello Farias, coordenador do Núcleo Rio de Janeiro do IHTRGS, que reúne diversos e ilustres gaúchos e gaúchas residindo no Rio de Janeiro e também sócios da quase sesquicentenária **Sociedade Sul Riograndense**, lá existente. Na oportunidade foram diplomados sócios efetivos Manoel Pessoa Mello Farias, Edson Otto, Daoiz de La Roche, Pedro Ari Veríssimo da Fonseca e Ciro Dutra Ferreira. Categoria na qual já haviam sido empossados, quando da fundação do Núcleo do IHTRGS na Escola de Comando e Estado-Maior do Exército, P. J. Mallet Joubim e Hélio Almeida Brum.

Dia 10 Set 1996, o IHTRGS fez mais um encontro no Rio de Janeiro, na sede do **Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro**, em parceria com a **Sociedade Sul Rio Grandense**, seu **CTG Desgarrados do Pago** e mais o **Galpão da Saudade da Academia Militar das Agulhas Negras**, para memorar, no seu 10º aniversário suas realizações em prol da História, Folclore e Tradições do Rio Grande do Sul. E o fez com a satisfação de já haver superado o tempo de duração da **República Rio-Grandense**, cujos fastos se propôs prioritariamente memorar e divulgar, o que tem consciência de haver bem cumprido.

Em 27Mai99 foi feito um memorável encontro no Salão Brasil do Colégio Militar de Porto Alegre, onde foi reverenciada a memória dos seguintes sócios falecidos, evocados pelos novos sócios: Arthur Ferreira Filho, de São José do Norte; Aparício Silva Rillo, de Porto Alegre (samborjense de coração); Raul Pont, de Uruguaiana; Miguel Jacques Trindade, de Alegrete; Edilberto Teixeira, de Lavras do Sul; Arnaldo Cassol, de Caçapava do Sul; Humberto Castro Fossa, de Encruzilhada do Sul; Sejanos Dornelles, de Santa Vitória do Palmar; Manoel Pessoa Mello Faria, de Pelotas (viveu no Rio); Hélio de Almeida Brum, de Dom Pedrito (viveu no Rio) e Marlene Barbosa Coelho, de Canguçu. Foram eleitos os seguintes sócios efetivos: Luiz Ernani Caminha Giorgis, Ivo Benfatto, Flávio Mabilde (falecido), Aroldo Medina, José Conrado de Souza, Leonardo R. de Araújo e Cláudio Belém de Oliveira.

Em 24Jul99, na cidade de Alegrete, foram eleitos sócios efetivos: Hugo Ramires e Maria Fraga Dornelles. Sócios colaboradores: Sérgio Alves Levy, César Pires machado, João Francisco de Andrade e Marione Jacques. Sócio correspondente: Daniel Fanti.

Em 15Abr2000, na reunião de Rosário do Sul, foram entregues diplomas de colaboradoras às professoras Mara Regina Miranda de Souza, Secretária Municipal de Educação e Maria Almir Souto Nascimento.

Nestes 10 anos de resistência cultural, alguns dos soldados do **IHTRGS** faleceram, outros foram atingidos por problemas de idade e outras limitações, para uma presença mais efetiva em suas atividades. A renovação de novos nomes foi pouca, de igual forma que nas demais entidades brasileiras do gênero, parecendo que as novas gerações são avessas a estudos históricos ou pelo menos à produção e à divulgação históricas, o que nos parece lamentável. E no caso do Rio Grande do Sul, como ficará em breve a sua perspectiva e a identidade históricas na cabeça das novas gerações gaúchas? Só Deus sabe!

Aqui, por oportuno, registre-se o apoio que o IHTRGS teve de parte do jornal **Diário Popular** de Pelotas, de **A Platéia** de Santana, dos mensários **Ombro a Ombro** e **Letras em Marcha** e ultimamente de **O Tradição**, editado pelo sócio efetivo Edson Otto e hoje órgão de divulgação oficial do **IHTRGS, MTG** e da **CBTG**.

Em **História** ou **Estória**, que o Presidente do IHTRGS publicou em **Tradição**, maio 96 (ano da consciência tradicionalista) abordamos a conjuntura crítica da historiografia brasileira, assunto estratégico nacional, para o qual os governos em todos os níveis e a Mídia, salvo raras e honrosas exceções, não tem dado a menor atenção. Em vista desta postura de quem teria obrigação social e cívica de estimular estudos de História, qual o jovem que se animará a dedicar-se a este assunto? E quem no futuro escreverá **HISTÓRIA** e não **ESTÓRIA** do Rio Grande do Sul, como bússola para a construção segura do futuro do Rio Grande do Sul e de seus filhos e como mãe legítima das **TRADIÇÕES GAÚCHAS**? Eis a pergunta que o IHTRGS deixará no ar no seu 10º aniversário? Praza a Deus que os estudos de História do Rio Grande do Sul sejam retomados com vigor, para que produzam perspectiva e identidade históricas seguras. E estas mais consensos sobre soluções a implementar! E que não aconteça o que ocorria em 1904, segundo J. Simões Lopes Neto em sua histórica conferência na Biblioteca Pública de Pelotas sobre Educação Cívica sobre o ensino de História do Brasil:

“Esse estudo não é somente descurado, mas ele não existe e nunca existiu. E a sua consequência é a preferida ignorância em que vivemos da nossa história e estudando histórias alheias.

Todo o ensino tem um fim, o da História do Brasil é dar-nos o conhecimento da noção exata da solidariedade nacional, da disciplina cívica, da liberdade obediente e com ela o amor ao Brasil”.

O Arquivo das comunicações feitas nos diversos encontros acha-se com o Presidente do IHTRGS, em Itatiaia, RJ, e as Atas dos Encontros estão em São Gabriel com o 2º Presidente.

Editor: Luiz Ernani Caminha Giorgis, Cel Vice-Presidente e Delegado da AHIMTB/IHTRGS/RS